



TRILHAS E DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Sônia Caldas Pessoa

Phellipy Jácome

ORGANIZAÇÃO





TRILHAS E DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Sônia Caldas Pessoa

Phellipy Jácome

ORGANIZAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Alessandro Fernandes Moreira

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Bruno Pinheiro Wanderley Reis
Vice-Diretora: Thais Porlan de Oliveira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Coordenadora: Paula Guimarães Simões
Sub-Coordenador: Daniel Reis Silva

SELO EDITORIAL PPGCOM

Bruno Souza Leal
Juarez Guimarães Dias

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Carolina Escosteguy (PUC-RS)	Kati Caetano (UTP)
Benjamim Picado (UFF)	Luis Mauro Sá Martino (Casper Libero)
Cezar Migliorin (UFF)	Marcel Vieira (UFPB)
Elizabeth Duarte (UFSM)	Mariana Baltar (UFF)
Eneus Trindade (USP)	Mônica Ferrari Nunes (ESPM)
Fátima Regis (UERJ)	Mozahir Salomão (PUC-MG)
Fernando Gonçalves (UERJ)	Nilda Jacks (UFRGS)
Frederico Tavares (UFOP)	Renato Pucci (UAM)
Iluska Coutinho (UFJF)	Rosana Soares (USP)
Itania Gomes (UFBA)	Rudimar Baldissera (UFRGS)
Jorge Cardoso (UFRB UFBA)	

www.seloppgcom.fafich.ufmg.br

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, sala 4234, 4º andar
Pampulha, Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901
Telefone: (31) 3409-5072

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T829

Trilhas e desafios do ensino remoto emergencial [livro eletrônico] / Organização Sônia Caldas Pessoa, Phellipy Jácome. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2022 – (Olhares Transversais; v. 1)
366 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86963-62-5

1. Educação. 2. Práticas de ensino. 3. Tecnologias educacionais. I. Pessoa, Sônia Caldas. II. Jácome, Phellipy.

CDD 371.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM/UFMG, 2022.

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Atelier de Publicidade UFMG
Bruno Guimarães Martins

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Bruno Guimarães Martins
Daniel Melo Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO
Gracila Vilaça

Esta obra foi selecionada pelo Conselho Editorial do Selo PPGCOM/UFMG após avaliação por pareceristas *ad hoc*.

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite dos termos de uso do Selo do PPGCOM/UFMG, disponíveis em:
<https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/termos-de-uso/>

| Sumário

APRESENTAÇÃO	
Práticas pedagógicas: trilhas e desafios do Ensino Remoto Emergencial	13
<i>Sônia Caldas Pessoa, Phellipy Jácome, Nísio Teixeira e Daniel Melo Ribeiro</i>	
I. EXPERIÊNCIAS INSTITUCIONAIS	25
CAPÍTULO 1	
O Ensino Remoto Emergencial nos cursos de graduação da UFMG: planejamento coletivo, implementação e avaliação	27
<i>Benigna Maria de Oliveira, Bruno Otávio Soares Teixeira e Maria José Batista Pinto Flores</i>	
CAPÍTULO 2	
Participação ativa e construção de modelos e rotinas do trabalho remoto	43
<i>Bruno P. W. Reis e Thais Porlan de Oliveira</i>	

CAPÍTULO 3	
“Mas de tudo, terrível, fica um pouco,”	49
<i>Elton Antunes</i>	
CAPÍTULO 4	
O Ensino Remoto Emergencial e a Pós-Graduação em Comunicação na UFMG	59
<i>Bruno Souza Leal e Carlos d’Andréa</i>	
CAPÍTULO 5	
A experiência do trabalho remoto do NDE integrado dos cursos de graduação de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas	67
<i>Vanessa Cardozo Brandão e Phellipy Jácome</i>	
CAPÍTULO 6	
Desafios e impactos do Ensino Remoto Emergencial no cotidiano do Colegiado de Jornalismo	75
<i>Sônia Caldas Pessoa e Phellipy Jácome</i>	
CAPÍTULO 7	
O Ensino Remoto Emergencial no curso de Publicidade e Propaganda da UFMG: análise das experiências e desafios de estudantes e professores durante os dois semestres de 2020	81
<i>Lucianna Furtado, Ana Carolina Vimieiro e Pablo Moreno Fernandes</i>	
CAPÍTULO 8	
Conquistas e Desafios do Ensino Remoto Emergencial (ERE) na Coordenação dos Cursos de Psicologia e Ciências Sociais	101
<i>Erika Lourenço e Nina Rosas</i>	

II. EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS	113
CAPÍTULO 9	
Ser bolsista no ERE: planejamento, desafios e experiências	115
<i>Ana Paula Gondim, Matheus Miguel e Clara Silva</i>	
CAPÍTULO 10	
“Oi! Gente, alguém sabe sobre isso?”: a experiência dos alunos e representantes de turma com o grupo de repasses do Colegiado de Jornalismo	123
<i>Bruna de Souza Gomes e Teresa Cristina Silva Pereira</i>	
CAPÍTULO 11	
"Tem alguém aí?" Um ERE na sala de aula	135
<i>Carlos Magno Camargos Mendonça</i>	
CAPÍTULO 12	
Da emergência à permanência: o que fica e o que sai com o ERE?	145
<i>Camilo Aggio</i>	
CAPÍTULO 13	
No tempo da delicadeza: experiências de acessibilidades possíveis e hospitalidade	153
<i>Camila Maciel C. A. Mantovani e Sônia Caldas Pessoa</i>	
CAPÍTULO 14	
Tornar sensível a mediação digital: um experimento de cocriação decolonial em diálogos com Filosofias Afrodiaspóricas e Ameríndias da imagem	177
<i>Luciana de Oliveira, Ana Paula Veras Camurça Vieira, Elison Oliveira, Ester Antonieta Santos, Fábio de Carvalho, Frederico Mendes de Carvalho, George Ulysses, Rodrigues De Sousa, Iago Porfírio, Leandro Silva Lopes, Leonardo Mont'Alverne Câmara, Rafael de Amorim Albuquerque e Mello e Washington Luis Santos Oliveira</i>	

CAPÍTULO 15	
Entre o “Fora” e o “Dentro” da Sala de Aula: relato de experiência de práticas laboratoriais online no ensino da Comunicação	191
<i>Vanessa Cardozo Brandão</i>	
CAPÍTULO 16	
<i>Ver junto</i> ou compartilhar a tela? A imagem em movimento nas salas de aula em tempos de pandemia	205
<i>Eduardo de Jesus</i>	
CAPÍTULO 17	
Mulheres Não Heterossexuais: articulação de copresença para inclusão de todxs xs estudantes	219
<i>Joana Ziller</i>	
CAPÍTULO 18	
Sons da Pandemia: um relato das práticas pedagógicas na disciplina Som e Sentido em tempos de ensino remoto e isolamento social	229
<i>Graziela Mello Vianna</i>	
CAPÍTULO 19	
Rádio pandêmico: experiências afetivas no Laboratório de Rádio e Mídias Digitais	243
<i>Sônia Pessoa, Phellipy Jácome e Jessica Almeida</i>	
CAPÍTULO 20	
Estamos juntos, de outra forma: a performance da presença como metodologia de ensino-aprendizagem em dimensão remota e afetiva	257
<i>Juarez Guimarães Dias e Márcio Jorge Alves Cardoso de Melo</i>	

CAPÍTULO 21	
Experiências temáticas de pesquisa em Projetos C-Jornalismo a partir dos acervos da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional	283
<i>Nísio Teixeira</i>	
CAPÍTULO 22	
Como elaborar o projeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso	309
<i>Carlos Alberto de Carvalho</i>	
CAPÍTULO 23	
Interações comunicativas no contexto do Ensino Remoto Emergencial: desafios e possibilidades	325
<i>Paula Guimarães Simões</i>	
CAPÍTULO 24	
Encontros possíveis em meio ao isolamento social: reflexões éticas, políticas e comunicacionais na experiência do ensino remoto	333
<i>Ângela Cristina Salgueiro Marques</i>	
Sobre as autoras e os autores	349

CAPÍTULO 7

O Ensino Remoto Emergencial no curso de Publicidade e Propaganda da UFMG: análise das experiências e desafios de estudantes e professores durante os dois semestres de 2020

LUCIANNA FURTADO

ANA CAROLINA VIMIEIRO

PABLO MORENO FERNANDES

Com a chegada da pandemia de covid-19, todas as atividades presenciais na Universidade Federal de Minas Gerais foram suspensas a partir de 18 de março de 2020, incluindo as aulas. A decisão foi tomada pelo Comitê Permanente de Acompanhamento das Ações de Prevenção e Enfrentamento do Novo Coronavírus, interrompendo as aulas do primeiro semestre letivo de 2020, que haviam começado em março. Cabe destacar que as atividades de ensino foram suspensas, mas a Universidade manteve, em modo virtual, as atividades de Pesquisa e Extensão (quando possível) e as atividades administrativas, sem interromper o trabalho.

A partir da suspensão, a Universidade iniciou uma série de estudos, verificando condições de oferta de disciplinas de maneira virtual, a fim de retomar as atividades de ensino. Estes estudos envolveram os Colegiados dos Cursos, a Pró-reitoria de Graduação (Prograd), a diretoria das Unidades Acadêmicas, os Departamentos e os movimentos estudantis. No Curso de Publicidade e Propaganda, considerando a percepção do corpo docente, as condições sanitárias da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – onde as atividades do Curso ocorrem

–, e as condições de acesso a tecnologias do corpo discente, chegou-se à possibilidade de se ofertar todas as disciplinas do Projeto Pedagógico de forma remota, em caráter emergencial. Tal informação foi repassada à Prograd, por meio de documentos que informavam os resultados da consulta aos professores, acompanhados por adendo ao Projeto Pedagógico do Curso, informando sobre a oferta das disciplinas em modo virtual em caráter emergencial. O adendo foi aprovado em reunião do pleno do Colegiado de graduação em Publicidade e Propaganda.

Antes do reinício das aulas, a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (Prae) e a Fundação Mendes Pimentel (FUMP) realizaram chamadas de Auxílio à Inclusão Digital, visando contemplar membros da comunidade acadêmica com dificuldades de infraestrutura tecnológica, a fim de sanar desigualdades de acesso e garantir que as aulas em modo remoto pudessem ser acompanhadas. Em julho de 2020, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da UFMG publicou a resolução nº 2, que regulamenta o Ensino Remoto Emergencial (ERE) dos Cursos de graduação da Universidade como atividade temporária de substituição às aulas presenciais durante a vigência da pandemia. A resolução estabelece parâmetros e recomendações sobre as práticas do ensino virtual, sobre a gestão acadêmica, alterando as Normas Gerais da Graduação da UFMG, e permitindo que as aulas pudessem ser retomadas.

Com o retorno das aulas no horizonte, o Colegiado de Publicidade e Propaganda, juntamente do Departamento de Comunicação Social, reabriu o mapa de ofertas das disciplinas, permitindo que os professores avaliassem as condições para a oferta em modo remoto das disciplinas iniciadas em março de 2020. No Curso de Publicidade e Propaganda, apenas uma disciplina teve sua oferta cancelada, em função da dinâmica das aulas práticas, que envolvia contato com comunidades tradicionais, impossibilitado pela pandemia. Com isso, em 3 de agosto de 2020, foram retomadas as aulas da graduação.

O retorno presencial às aulas segue monitorado pelo Comitê Permanente de Acompanhamento das Ações de Prevenção e Enfrentamento do Novo Coronavírus, que estabeleceu um plano que, considerando os indicadores sanitários sobre a pandemia, autoriza a retomada de atividades presenciais de modo gradual e com segurança. No primeiro

semestre letivo de 2021, momento da análise dos dados e da escrita deste texto, a Universidade não tinha encontrado condições de avançar além do nível 1 de atividades presenciais no Campus, em função do agravamento da crise sanitária no país.

Este capítulo analisa as experiências e desafios do ERE a partir de duas pesquisas realizadas durante a pandemia de covid-19: o monitoramento do ERE, realizado pelo Colegiado a pedido da Prograd em setembro de 2020 junto aos (às) estudantes; e a autoavaliação do Curso, promovida no contexto do Programa de Desenvolvimento do Ensino de Graduação (PDEG) em fevereiro e março de 2021, junto a estudantes e professores. O trabalho está assim organizado: a próxima seção contextualiza a pesquisa a partir de outros estudos sobre a implementação do ensino remoto emergencial em Cursos de Publicidade e Propaganda brasileiros; na sequência, apresentamos os nossos dados; e fechamos o capítulo com uma reflexão focada nos principais achados do estudo.

Experiências do ensino remoto em Publicidade e Propaganda

Com o objetivo de mapear as práticas educacionais do campo publicitário durante o ensino remoto, Rabaiolli e Hansen (2020) realizaram, ainda em maio de 2020, uma pesquisa com docentes da área – até então, majoritariamente profissionais do ensino superior privado (85,4%), considerando que apenas seis instituições públicas haviam aderido ao ensino remoto emergencial nesta data. O estudo evidenciou os desafios na atuação docente e o despreparo das instituições em relação à modalidade emergencial, além de prejuízos à aprendizagem e à qualidade do ensino ofertado.

Entre as questões identificadas pelos autores, destacamos alguns pontos centrais que ajudam a delinear o cenário de desafios desse contexto: a dificuldade em ministrar disciplinas práticas e a inviabilização de visitas técnicas e produções laboratoriais; a baixa participação, desatenção e dificuldades de concentração por parte dos estudantes, resultando na falta de engajamento com as atividades de ensino. Outro ponto importante evidenciado na pesquisa foi a centralidade da interação durante as atividades síncronas, tratada como fundamental para minimizar os efeitos do distanciamento entre os discentes e na

relação destes com o professor. Os autores também identificaram que, na percepção dos docentes, a cobrança das instituições por rendimento permaneceu inalterada no cenário da pandemia, desencadeando riscos à saúde e o desgaste físico e psicológico dos professores (RABAIOLLI; HANSEN, 2020).

Silva e colegas (2020) também examinaram as percepções de docentes do Curso de Publicidade e Propaganda, neste caso, de um centro universitário privado de Goiás, sobre o ensino remoto na pandemia. Nesta instituição, a opção por este modo de ensino foi feita quase imediatamente após a suspensão das aulas presenciais, ainda em março de 2020. Mas, apesar da rapidez na retomada das atividades, Silva e colegas (2020) relatam que no primeiro mês de atividades remotas professores e estudantes tiveram inúmeras dificuldades. Nas duas primeiras semanas, cerca de 25% dos alunos registraram reclamações relacionadas ao valor das mensalidades, dificuldades de adaptação ao ambiente virtual e falta de recursos materiais para acompanhar as aulas. Muitos discentes queriam trancar o Curso e outros pediam o retorno das aulas presenciais. Entre os professores, as dificuldades se deram pelas dificuldades de adaptação às práticas remotas (produção de vídeos e utilização de recursos tecnológicos para as aulas síncronas) e a necessidade de trocarem os aparelhos de smartphone e computadores para versões mais atualizadas. Nesse cenário, dizem os autores, “ocorreu a adoção de tecnologias educacionais sem a realização de um planejamento pedagógico completo, apenas adaptando o conteúdo, antes veiculado em sala de aula, para o ambiente on-line” (SILVA ET AL., 2020, p. 121).

Silva e colegas (2020) coletaram também as impressões dos docentes através de testemunhos sobre pontos positivos e negativos em agosto de 2020, quatro meses após a adoção do ensino remoto. Para os professores, as dificuldades são inúmeras: necessidade de adaptação imediata, excesso de tarefas, dificuldades de compartimentalização da vida privada e profissional, baixo engajamento dos estudantes e pouca empatia das instituições com os problemas dos docentes. Nesta pesquisa, 85% dos professores relataram trabalhar mais de 12 horas por dia todos os dias da semana.

Curcel (2021), por outro lado, busca compreender as experiências nos Cursos de Publicidade e Propaganda durante a pandemia de covid-19 a partir da perspectiva de discentes de instituições privadas e públicas em Curitiba. O foco do estudo são as experiências inovadoras no processo ensino-aprendizagem. Localizando seu trabalho em um contexto ampliado, em que o ensino de Publicidade e Propaganda é visto como conservador, pouco criativo e com metodologias que limitam suas práticas a lugares institucionalizados, Curcel (2021) busca identificar durante esse momento de crise metodologias de ensino com potencial para tornar as atividades em sala de aula mais criativas e inovadoras. Dois dados encontrados pela pesquisa merecem destaque: em pergunta sobre a avaliação dos estudantes sobre a experiência de aprendizado com o ensino remoto, as principais respostas foram “cansativa” (16,8%), “desafiadora” (15,2%) e “desanimadora” (13,5%). Apenas 0,7% dos jovens definiram as aulas remotas como “enriquecedoras”, outros 0,7% como “motivadoras” e 2% como “inovadoras”.

As atividades inovadoras encontradas por Curcel (2021) foram apontadas a partir de indícios de survey aplicado em outubro de 2020 e grupos focais feitos com estudantes em fevereiro de 2021. Estas experiências eram pouco articuladas nas falas dos participantes, mas ainda assim visíveis: relatos de práticas onde houve uma certa flexibilização da hierarquia, em uma relação mais empática e descentralizada na dinâmica de ensino-aprendizagem. O pesquisador relaciona tais práticas interativas, em que há uma quebra na linearidade do processo de ensino, com os estudantes sendo colocados em um papel ativo, à noção de autoria coletiva, que diz das experiências que oportunizam “professores e estudantes a assumirem juntos o papel de atores e autores do processo de produção de novos saberes e aprendizados” (CURCEL, 2021, p. 87). O próprio estudo demonstra as dificuldades de implementação dessas estratégias: apenas 2,6% dos estudantes acharam a experiência com o ensino remoto “criativa”. O total de estudantes que associam qualquer característica positiva a esse modo de ensino, na verdade, é bem baixo: apenas 11,2%. E as atividades inovadoras foram inferidas a partir de indícios, já que, como aponta o estudo, esses aspectos não são “compreendidos direta-

mente pelos estudantes, de forma geral, como uma inovação ou maior inventividade no processo educacional” (p. 86).

A experiência do ensino remoto emergencial no Curso de Publicidade e Propaganda da UFMG

Discutiremos os resultados de duas pesquisas realizadas no contexto do Ensino Remoto Emergencial no Curso de Publicidade e Propaganda da UFMG. A primeira é o Monitoramento do ERE solicitado pela Prograd, com o objetivo de mapear as experiências dos estudantes no semestre letivo 2020/1 e avaliar as dificuldades, práticas de sucesso e o nível de satisfação com o ensino remoto. Esse questionário recebeu 57 respostas, coletadas entre 23 e 29 de setembro de 2020 – em meados do primeiro semestre sob o regime remoto emergencial na Universidade, que se encerrou em novembro do mesmo ano.

A segunda é a Pesquisa de Autoavaliação do Curso de Publicidade e Propaganda, no âmbito do projeto “Ações Integradas para o Desenvolvimento do ERE na Graduação em Publicidade e Propaganda”, aprovado pelo Programa para o Desenvolvimento do Ensino de Graduação (PDEG) da Prograd. Composta por dois questionários, para professores e estudantes, essa pesquisa busca promover uma avaliação geral do Curso, a ser repetida periodicamente, de modo a estabelecer parâmetros para os impactos das ações e mudanças empreendidas. Os questionários receberam respostas de 61 estudantes e 21 professores, coletadas entre 19 de fevereiro e 19 de março de 2021 – isto é, quando se encerrava o segundo semestre remoto. Esse levantamento incluiu seções específicas sobre o ERE, mas o tema também surgiu em respostas de estudantes a outras questões de campo aberto.

A pesquisa de Monitoramento do ERE buscou compreender se os(as) estudantes tiveram alguma dificuldade com o ensino remoto, de forma segmentada em quatro áreas específicas. A essas questões, 84,2% responderam “sim” em uma ou mais categorias, e apenas 15,8% declararam não ter tido dificuldade em nenhum dos tópicos. O primeiro ponto, em relação à didática dos professores no ensino remoto, foi marcado como fonte de dificuldade por 71,9% dos(as) estudantes. Nesse contexto, 45,6% dos alunos(as) declararam ter tido dificuldades

na relação professor/estudante, enquanto 40,4% afirmaram dificuldades com os recursos tecnológicos (como Microsoft Teams, Moodle e outras plataformas). Já em relação à infraestrutura, como acesso a computador, internet, câmera e microfone, apenas 17,5% dos(as) estudantes tiveram dificuldades.

Quando perguntados sobre o trancamento de alguma disciplina por dificuldades na adaptação à modalidade remota, 63,2% responderam que não tiveram essa necessidade, enquanto 36,8% responderam afirmativamente. Nesse momento, o nível de satisfação dos(as) estudantes com o ensino remoto foi avaliado da seguinte forma: 42,1% se identificaram como “satisfeito” ou “muito satisfeito”, 28,1% se consideraram como “nem satisfeito nem insatisfeito”, enquanto 29,8% marcaram as opções “insatisfeito” ou “muito insatisfeito”.

Qual o seu nível de satisfação com ERE em 2020/1?

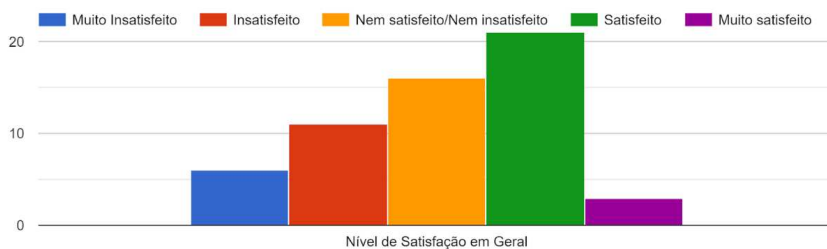


GRÁFICO 1: Nível de satisfação dos(as) estudantes com o ERE em 2020/1.

Como já tínhamos acesso aos resultados do monitoramento do ERE, incluímos apenas duas questões sobre o ensino remoto para os(as) estudantes na pesquisa de autoavaliação do Curso, buscando elucidar melhor alguns pontos. A consulta anterior havia identificado que a maior parte dos(as) estudantes prefere uma combinação entre aulas síncronas e assíncronas, opção apontada por 68,4% dos(as) respondentes, em compa-

ração com as alternativas “somente aulas assíncronas”, com 17,5% da preferência, e “somente aulas síncronas”, com 14%. Buscamos entender, então, qual a melhor proporção entre aulas síncronas e assíncronas.

Dos(as) 61 estudantes, 27 (44,3%) manifestaram, na segunda pesquisa, preferência por uma distribuição equilibrada entre aulas síncronas e assíncronas, 21 (34,4%) consideraram melhor mais aulas assíncronas do que síncronas, e 13 (21,3%) preferiram mais encontros síncronos do que assíncronos. Entre os(as) docentes, sete ministraram mais aulas síncronas do que assíncronas, e o mesmo número declarou uma proporção equilibrada entre os dois formatos. A preferência por mais aulas assíncronas do que síncronas foi apontada por quatro professores(as), enquanto três realizaram todas as aulas no modo síncrono. Nenhum(a) professora(a) optou por ofertar todas as aulas de forma assíncrona.

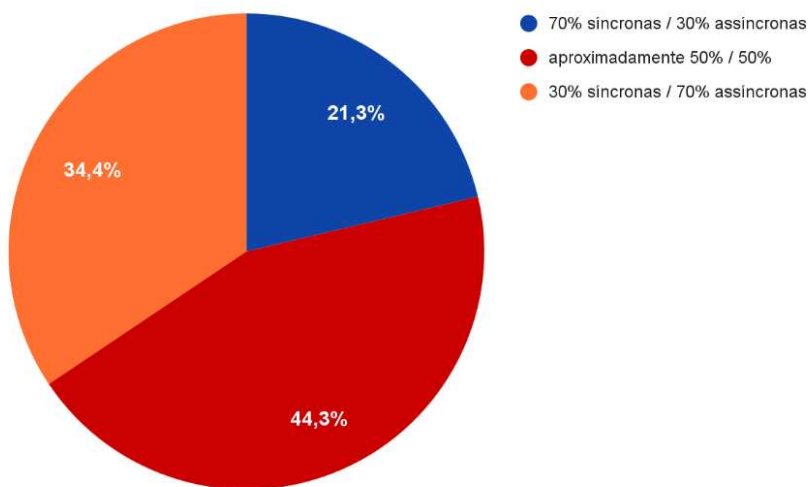


GRÁFICO 2: Preferência dos(as) estudantes sobre a proporção de aulas síncronas e assíncronas.

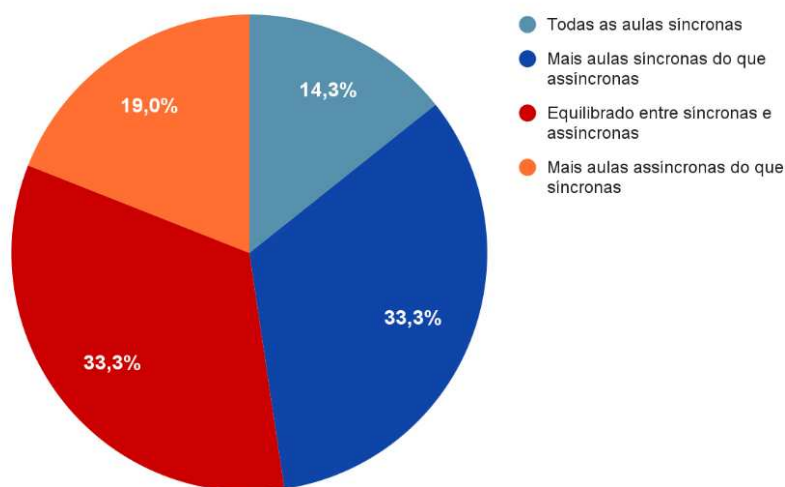


GRÁFICO 3: Respostas dos(as) professores(as) sobre a distribuição das aulas entre síncronas e assíncronas.

Os gráficos mostram que a diferença entre as preferências dos(as) estudantes foi bastante pequena, sugerindo que a distribuição equilibrada entre aulas síncronas e assíncronas representa a escolha mais segura para atender melhor à coletividade de estudantes, não apenas por ter sido a opção mais marcada, mas também por ser um meio-termo entre as alternativas.

No monitoramento anterior, identificamos queixas em relação à quantidade, duração ou complexidade das atividades avaliativas durante o ERE. Perguntamos, então, qual a preferência dos(as) estudantes em relação a algumas formas de avaliação, sendo possível marcar mais de uma opção. O formato preferido foi “Mais atividades avaliativas, sendo cada uma mais curta e com menor pontuação”, com 24 respostas (39,3%), mas a opção diretamente oposta, “Menos atividades avaliativas, sendo cada uma mais extensa e com maior pontuação”, foi marcada por 18 estudantes (29,5%). As alternativas “Distribuição aproximadamente igual entre atividades curtas e extensas” e “Atividades cumulativas, em que tarefas iniciais mais curtas fazem parte da construção de um trabalho final mais extenso” foram assinaladas por 17 estudantes (27,9%) cada. As respostas apresentam uma diferença pequena entre as

opções e a mais votada não chega a 50% de preferência, sugerindo que não há um consenso absoluto entre os(as) estudantes sobre a melhor forma de distribuir as atividades avaliativas.

Buscamos apreender, então, se os(as) professores(as) realizaram mudanças na proporção das aulas entre síncronas e assíncronas, tomando como referência a comparação entre a experiência inicial, no semestre letivo 2020/1, e os seguintes. A essa pergunta, 13 professores(as) (61,9%) não realizaram mudanças, 7 (33,3%) aumentaram o número de aulas síncronas, e apenas 1 optou por aumentar a quantidade de aulas assíncronas.

Em seguida, interrogamos sobre mudanças na duração máxima das aulas síncronas, considerando o mesmo período de comparação. A maioria dos(as) professores(as) manteve a duração média, já menor que duas horas, com 11 respostas (52,4%). Outros 5 (23,8%) optaram por manter a duração média, sendo maior que duas horas, enquanto 4 (19%) decidiram adotar um teto menor que o usual, limitado a duas horas. Apenas uma pessoa passou a adotar uma duração maior que a habitual, sendo esta acima de duas horas, e nenhum(a) dos(as) participantes assinalou a redução do tempo máximo para uma hora.

Indagamos, em seguida, se o(a) professor(a) adotou novos recursos (áudio, vídeo, efeitos, trechos de filmes, participação de convidados) até então não utilizados, tendo como referência o período do semestre letivo 2020/1 para 2020/2 e 2021/1. Entre os(as) dez participantes que responderam afirmativamente, algumas das estratégias foram:

“Uso de redes sociais”;

“Sim. Passei a gravar os vídeos fora no Teams e fazer edição no material, inserindo mais recursos externos”;

“Utilização mais intensiva de jogos, simulações e quiz”;

“Mais atividades assíncronas em que os alunos debatiam e gravavam os debates”;

“recursos multimidiáticos e pessoas convidadas”;

“Fui aos poucos incorporando outros recursos como o Whatsapp para comunicações e difusão de links de filmes e obras audiovisuais. Muito eficiente...”;

“Sim, um roteiro de aula organizando os materiais assíncronos disponibilizados para cada conteúdo”;

“Não introduzi recursos novos, mas aumentei o volume do que costumava adotar”;

“Participação de convidadas e compartilhamento de material disponível no youtube”.

Buscamos identificar, dentre as adaptações feitas, quais foram consideradas bem sucedidas junto aos(às) estudantes. Os dois exemplos de sucesso mais citados foram a redução de atividades avaliativas e o aumento de encontros síncronos. Seguem alguns exemplos:

“Comecei a usar ferramenta de avaliação no Moodle, mas ainda não a domino”;

“Sim, a dosagem de oito atividades avaliativas, em vez de dez como no semestre 2020.1, foi mais proveitosa para estudantes e para a própria disciplina”;

“Diminuir o número de atividades avaliativas é bem positivo. Os alunos ficaram sobrecarregados em 2020/1. Diminui também os tópicos discutidos ao longo do semestre, se concentrando no que é fundamental na disciplina. Também achei mais produtivo, já que em 2020/1 senti que os alunos perderam o fôlego para assistir os vídeos finais da disciplina”;

“Diminuição de atividades, aumento do número de aulas síncronas para sanar dúvidas, constante comunicação via plataformas usadas, compartilhamento de documentos, informações importantes e que auxiliaram nos trabalhos e no acompanhamento dos Cursos em geral”;

“O aumento de número de aulas síncronas aumentou o envolvimento dos alunos na disciplina”;

“Articular melhor os conteúdos das aulas assíncronas com as síncronas”.

Em seguida, perguntamos quais das adaptações tiveram retorno negativo ou baixo engajamento dos(as) estudantes. Seguem as quatro respostas sobre tais aspectos negativos:

“O engajamento nas aulas síncronas, em termos de participação efetiva, é baixo, mas a presença é maior”;

“Participação em atividades síncronas”;

“Aulas teóricas muito longas”;

“Em algumas aulas síncronas, a participação ficou aquém do esperado”.

Encerramos esta seção perguntando se os(as) docentes realizaram alguma forma de avaliação das disciplinas e dos métodos utilizados. Nessa questão, 15 professores(as) (71,4%) declararam ter promovido conversas com os(as) estudantes ao final do semestre, abordando os pontos positivos e dificuldades, enquanto 7 (33,3%) realizaram atividades formais de avaliação da disciplina, como questionários, formulários ou entrega de avaliação no moodle. Apenas uma pessoa afirmou não ter realizado nenhuma forma de avaliação, enquanto o campo “outros” foi utilizado para inserir as opções “*Conversas ao longo do semestre*” e “*Autoavaliação*”, além de especificar o uso de métodos distintos: a aplicação de questionário e abertura de fórum nos semestres anteriores, e a previsão de realizar uma rodada de conversa.

Embora o restante da pesquisa não se dedicasse, especificamente, ao Ensino Remoto Emergencial, o tema surgiu espontaneamente em respostas de campo aberto em outras seções. Isto aconteceu, por exemplo, na pergunta sobre boas práticas dos(as) docentes em articular teoria e prática, na seção sobre a formação oferecida pelo Curso. Segue a resposta na íntegra:

“o ead está muito difícil, quase impossível de manter a concentração e o foco. sempre gostei muito de estudar mas sinto que sinceramente não estou aprendendo mais nada já tem alguns meses, por não

conseguir concentrar. acredito que as aulas deveriam ser bem mais curtas, com atividades pequenas, simples, práticas e periódicas que ajudassem a fixar o conteúdo. além disso deveriam ter mais momentos interativos, talvez separando as pessoas em pequenos grupos de discussão e construção, talvez fomentando discussões que partem dos próprios alunos. mas o modelo expositivo está extremamente desgastante, mesmo quando o professor e a matéria são bons.”

O relato do(a) estudante nos chama a atenção por posicionar os desafios do ensino remoto como centrais, mostrando que os impactos dessa modalidade podem ultrapassar o interesse do(a) aluno(a) na disciplina e a capacidade didática do(a) professor(a). Na própria avaliação do(a) estudante, a dificuldade de manter a concentração e o foco têm prejudicado seu aprendizado e as aulas remotas não têm trazido os mesmos resultados da modalidade presencial. O comentário também é valioso por trazer sugestões, especialmente mais momentos de interação e maior participação dos(as) alunos(as) nas dinâmicas de aula.

O assunto do ERE também foi mencionado na seção sobre atividades extras, formação livre e complementar, na pergunta sobre quais razões motivaram a decisão de não realizar essa formação em outras Unidades Acadêmicas. Um(a) dos(as) estudantes atribuiu essa decisão às dificuldades impostas pela pandemia e pela necessidade do ensino remoto:

“Eu fiz a formação livre necessária para completar os créditos na turma de inglês online. Acredito que se não fosse pela pandemia, teria feito outras formações livres presenciais, pois havia vários assuntos interessantes. Mas até então antes da pandemia, no meu percurso, quis utilizar meu tempo e espaços na grade com disciplinas da comunicação, mesmo que não especificamente da publicidade.”

A dicotomia entre o ensino remoto e o presencial também surgiu entre os aspectos positivos e negativos da formação oferecida pela UFMG. Dentre os pontos fortes, foram citados os semestres presenciais, a vivência no campus, a convivência e outras experiências complementares no espaço universitário. Na impossibilidade destes, um(a) aluno(a) citou como ponto forte a inclusão de mais atividades síncronas no semestre 2020/2, sugerindo a interação ao vivo como um fator importante na experiência acadêmica, mesmo que virtual.

Apesar do caráter temporário do ensino remoto, esse foi o segundo tópico mais citado pelos(as) estudantes em suas respostas sobre os pontos fracos, com depoimentos sobre a dificuldade de concentração e aprendizado, além do sentimento de exaustão e desmotivação com as aulas durante a pandemia. Os comentários abordaram também a incompatibilidade de algumas disciplinas e atividades com a modalidade remota, dificultando a absorção de conteúdo e o engajamento com aulas expositivas, limitando as interações durante os trabalhos, o acesso a recursos e o ensino das atividades práticas e técnicas. Em um dos relatos, o(a) estudante considera que a versão remota do Curso não é tão produtiva quanto a presencial, lamentando não haver alternativas. Em outro caso, o(a) aluno(a) cogita adiar a conclusão do Curso para poder usufruir das aulas presenciais, especialmente em disciplinas práticas que não se adaptam tão bem à modalidade remota. Seguem algumas das respostas nesse contexto:

“(...) o outro ponto decepcionante é o EAD. o primeiro semestre de ensino remoto foi ok! por mais que não seja a mesma coisa, precisamos mesmo adaptar, e fiquei contente de ao menos poder ter alguma aula, ainda que online. porém, nesse segundo semestre, sinto que não estou aprendendo absolutamente nada. os professores e as matérias são boas, mas a carga de trabalhos é alta, as aulas são extremamente expositivas, e depois de tantos meses resta apenas o sentimento de exaustão. eu sempre amei estudar, mas [hoje] não sinto motivação nenhuma pra participar da aula. o pouco que aprendo é nos exercícios práticos, mas durante as aulas não tenho dúvidas em dizer que não estou aprendendo quase nada”

“a falta de alternativas para suprir a experiência presencial. obviamente não é culpa dos gestores do Curso e nem sei se existem, de fato, alternativas para isso. mas é que não consigo enxergar o Curso como algo tão produtivo à distância :/”;

“Várias matérias não se encaixam bem na modalidade de ERE e tem várias matérias práticas que não pretendo puxar enquanto estiver à distância. Dado isso, é provável eu ter que atrasar minha formatura até UFMG voltar”;

“Excesso de aula síncrona, tipo de avaliação utilizada por alguns professores, excesso de trabalhos em grupo, defasagem do ensino nas atividades práticas/técnicas devido a pandemia”;

“com certeza o ERE prejudicou muito minha formação e tudo que seja prático eu me sinto muito limitado de realizar”;

“Muita exposição teórica com pouca prática, principalmente no ERE. Ausência de materiais ligadas ao design com as atuais, juntamente do mercado cobrando esse conhecimento”.

A comparação entre ensino remoto e presencial também apareceu, espontaneamente, nas expectativas dos(as) estudantes em relação ao Curso. Um(a) estudante manifesta interesse em disciplinas práticas quando for retomado o formato presencial. Em seis outros relatos, os(as) alunos(as) consideram suas expectativas como não cumpridas, atribuindo o problema à pandemia e ao ERE – em alguns casos, especificando que as atividades práticas e técnicas foram prejudicadas à distância. Desse modo, identificamos que muitas das expectativas dos(as) estudantes em relação ao Curso foram frustradas devido às dificuldades impostas pela pandemia e pela necessidade do ensino remoto, evidentes nos trechos das respostas a seguir:

“Pouquíssimas, devido a modalidade do Ensino Remoto Emergencial. Mas sigo com esperança de que deixar as práticas para o retorno presencial será uma boa opção”;

“é aquilo que falei anteriormente: por mais que as disciplinas seja (sic) ótima e as professoras também, o formato de aulas é totalmente desmotivador e não tenho motivação nem energia para prestar atenção. eu vou em todas as aulas síncronas mas não absorvo praticamente nada, sinto que não estou aprendendo e estou completamente frustrada e insegura com a minha formação”;

“literalmente, toda a experiência da faculdade. o ensino remoto fez com que eu ficasse desmotivado para realizar a maioria de coisas da faculdade. e parece que nós, tanto alunos quanto os professores (eu imagino), não estão tendo tempo para descanso - problema que é amplificado ainda mais pelas férias curtas. e isso eu falo pela maioria dos alunos: afeta muito a nossa saúde mental”;

“Com o ensino remoto perdemos muito da prática que, para mim, é uma das coisas mais importantes e interessantes do Curso”;

“A parte mais técnica, que foi prejudicada pelo ensino remoto”;

“minha expectativa era uma antes do ERE e ela foi frustrada, salvo raras exceções. Já acostumado com esse modelo de ensino minhas expectativas estão mais baixas. As matérias práticas e oficinas ficaram muito prejudicadas e não será repostas posteriormente”;

“A quantidade e variedade de disciplinas no erê está bem baixa, nada que interesse muito e temas poucos relevantes pro mercado de trabalho”.

Nesse sentido, existe uma percepção de que o ensino remoto é mais desafiador e menos produtivo em relação ao presencial, mas há também uma ideia de incompatibilidade entre atividades práticas e a modalidade à distância, em isolamento – que impõe restrições à atuação dos(as) professores(as) e dos(as) próprios(as) colegas em prestar apoio, oferecer feedback imediato, detalhar as instruções e solucionar dúvidas técnicas mais rapidamente.

Considerações finais

Os dados encontrados nas duas pesquisas que serviram de base para este capítulo evidenciam um grande desafio no âmbito do ensino remoto emergencial do Curso de Publicidade da UFMG: divergências de preferências e de orientações, que apontam para diversas preocupações institucionais, coletivas e pessoais que precisaram ser balanceadas e ajustadas com o ensino remoto em andamento.

Uma dessas divergências está relacionada ao melhor balanço entre aulas síncronas e assíncronas. A resolução nº 2 que regulamenta o ERE na UFMG, mencionada na Introdução, aponta em seu artigo 6º que os docentes deveriam “priorizar a realização de atividades assíncronas” e “oferecer, preferencialmente, uma atividade síncrona para cada 15 (quinze) horas-aula, podendo essa referência ser alterada conforme recomendações dos Colegiados”. Tais orientações, formuladas no contexto de preparação para o início do ensino remoto, em julho de 2020,

buscavam atender às dificuldades tecnológicas de discentes e docentes da Universidade, além de facilitar os arranjos domésticos necessários para o acompanhamento das aulas. E, efetivamente, tais preocupações se mostraram pertinentes, uma vez que não faltaram neste momento inicial relatos de problemas com equipamentos e conexão de Internet que ocasionaram em intercorrências, interrupções e baixa qualidade das aulas síncronas.

Por outro lado, percebemos, a partir da posição dos estudantes de Publicidade e Propaganda, que as preferências em geral se concentraram na combinação de aulas síncronas e assíncronas, tanto no levantamento de 2020 quanto no de 2021. A opção de docentes que realizaram mudanças em seus planos de ensino no segundo semestre de ERE, não à toa, foi por aumentar as aulas síncronas, na tentativa de encontrar um ponto ótimo entre a orientação da UFMG (para priorizar aulas assíncronas) e o desejo dos estudantes de Publicidade (por algo mais balanceado, onde a interação e contato entre docentes e discentes também não ficasse comprometido). Tais divergências são também percebidas nas preferências avaliativas dos discentes que se dividiram entre as possibilidades oferecidas no survey. Neste caso, a dificuldade é encontrar um ponto ótimo entre preferências tão diversas sem ocasionar em excesso de tarefas para os docentes, já sobrecarregados no contexto do ensino remoto.

Destacamos também a percepção sobre dificuldades relacionadas às aulas práticas. Ao mesmo tempo em que a demanda por elas surge nas respostas dos discentes como uma alternativa às dificuldades impostas pela pandemia em relação às aulas e aos trabalhos, é também um problema apontado pelos discentes, por conta do acesso a softwares e ferramentas de produção publicitária. No caso dessa dificuldade, destacamos que não se trata de algo novo, visto que, na Universidade pública, sobretudo, a reclamação em relação à defasagem de infraestrutura, que frustra as expectativas dos alunos em relação às atividades práticas, é constante. A novidade aqui é porque, no ensino remoto, o acesso às tecnologias passa a ser de responsabilidade dos próprios discentes. Isso escancara desigualdades, que começam no próprio acesso às aulas online, mas também se intensifica no desenvolvimento de trabalhos

que demandem softwares específicos e alta capacidade de processamento de *hardware*. Assim, identificamos na demanda por mais atividades práticas um problema que esbarra nas desigualdades sociais do país, evidenciadas por políticas afirmativas que trouxeram à Universidade pública alunos de baixa renda: como lidar com as expectativas por práticas que demandam acesso à tecnologia, em um contexto no qual as pessoas estão em casa, vivenciando o ensino superior por meio de equipamentos próprios?

Outro ponto significativo é que, enquanto os(as) estudantes apontaram falhas na atuação dos(as) professores(as), estes também relataram a falta de engajamento dos discentes. Na primeira pesquisa, 71,9% dos(as) alunos(as) afirmaram ter tido dificuldades com a didática dos(as) docentes. Considerando que esse levantamento foi realizado em meados do primeiro semestre letivo remoto na Universidade, tal percepção pode estar relacionada a fatores como: o ineditismo da modalidade à distância na experiência dos docentes; o prazo curto para treinamento adequado neste formato; e a dificuldade de adaptar planos de ensino que haviam sido, inicialmente, elaborados para as aulas presenciais.

Paralelamente, a percepção dos(as) professores(as) em relação à falta de engajamento e baixa participação efetiva durante as aulas pode ser explicada pelos próprios relatos dos(as) estudantes na segunda pesquisa. Foram narrados fatores como: a dificuldade de manter a concentração e foco; a incompatibilidade das aulas expositivas com a modalidade remota, ao lado das limitações a atividades práticas e técnicas nesse formato; o cansaço, exaustão e desmotivação com as aulas no contexto da pandemia; bem como os impactos do cenário mais amplo na saúde física e mental dos(as) estudantes. Realizada no final do segundo semestre remoto, essa pesquisa captou, de forma mais intensa, o sentimento de insatisfação e desgaste com o contexto, evidenciando que os desafios do ensino remoto emergencial e da pandemia têm um impacto significativo em ambas as partes da relação de ensino-aprendizagem.

Chama atenção a similaridade dos resultados obtidos por nossa avaliação com aqueles compartilhados em pesquisas que nos embasaram na formulação desse texto, realizados em outras Instituições de Ensino Superior. Metodologias diferentes, Instituições diferentes e

resultados similares, salvo pequenas particularidades. Essa coincidência sinaliza como o ensino remoto surpreendeu às instituições de ensino, que foram obrigadas a reavaliar suas práticas pedagógicas, enquanto as implantavam, sem o devido tempo de planejamento e reflexão. De fato, a pandemia transformou o ensino de publicidade, mas a possibilidade de monitoramento e avaliação dessa experiência tem sido, certamente, um grande aprendizado diante da retomada das aulas presenciais. O que o ensino remoto nos deixa de aprendizado sobre a experiência do ensino superior em Publicidade e Propaganda? Uma indagação necessária, mediante práticas consolidadas e, por vezes ultrapassadas, que foram transformadas e reavaliadas com a imposição da educação à distância como realidade, ainda que temporária, para todas as Instituições.

Referências

CURCEL, Pedro. *Os jovens publicitários em (de)formação em tempos de pandemia: Experiências discentes no ensino remoto emergencial de Publicidade e Propaganda*. 123f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social/Publicidade e Propaganda) - Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

RABAIOLLI, Janderle; HANSEN, Fábio. Experiências em ensino remoto de Publicidade e Propaganda na pandemia da covid-19. *Comunicação & Educação*, v. 25, n. 2, p. 169-183, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v25i2p169-183.

SILVA, Alysson; ET AL. Experiências do ensino remoto no Curso de Publicidade e Propaganda: relatos de encantos, desencantos e expectativas. In: *39º Seminário de Atualização de Práticas Docentes*, 2020, Anápolis.